

RELAÇÕES DE GÊNERO, CORPO E RAÇA E GERAÇÃO EM CONTEXTOS DE SOCIABILIDADE NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Aluno: Adailton Moreira Costa
Orientadora: Sonia Maria Giacomini

1 - Introdução

A referida pesquisa empreendeu uma discussão teórica antropológica empírica sobre gênero e raça em contextos de sociabilidade, tendo para seu desenvolvimento, como campo de pesquisa a Feira de São Cristóvão. Neste sentido, trabalhos como os de Franz Boas [1], foram determinantes para se pensar conceitos antropológicos referente a cultura em sua diversidade.

Também Giddens [2], através do texto “Abordando a sexualidade em Foucault”, permite uma reflexão mais aprofundada sobre as questões de gênero.

Analisando a Feira de São Cristóvão compreende-se que os diversos vieses sócio-culturais que a compõem se mostram como um vasto campo de pesquisa de diversos aspectos, culturais, econômicos, religiosos ou políticos, que se apresentam a partir da sociabilidade dos atores sociais em inter-relação com a sociedade da cidade do Rio de Janeiro, um espaço urbano do sudeste brasileiro.

Enfoca-se a música, a culinária e o vestuário como elementos de suma importância informativa para o enriquecimento da pesquisa, e de como estes elementos nutrem de dados conteudísticos esta identidade “original” ou “autêntica” nordestina.

É possível pensar estas classificações de forma mais abrangente e trabalhar as influências que uma cultura dita “pura” e “simples” pode sofrer em contato com outra classificada enquanto “complexa” e “civilizada”, pois em uma sociedade moderna, que tem o seu capital cultural enquanto dominante, utilizando-se deste capital também simbólico como hegemônico, vale refletir estes lugares da cultura, e de “quem cria o quê, bem como de quem diz o quê”. Sobre tais conceitos importante contribuição teve a literatura de Pierre Bourdieu [5].

Através da pesquisa foi possível fazer uma relação sobre o conceito de “autêntico” e “inautêntico” do texto de José Reginaldo Gonçalves [6] sobre os patrimônios culturais. Pensar que só por ter se transferido de um lugar para outro a barraca perderia seu caráter de “autenticidade” de origem a algumas questões acerca do ethos brega e sua representatividade ligada a um grupo específico ou não, na construção de uma identidade étnica ou cultural.

Como exemplo temos a transferência da barraca do Nonato para o Barracão do Aconchego, com suas instalações com características de restaurante, que remete qualquer um a uma relação representacional de Rede fast food, parecendo quê o que dá notoriedade a este ramo de restaurantes seria esta especialização e capacitação, que se baseia em uma técnica de modernidade do mundo industrial “civilizado”.

O padrão dos garçons (uniformes, atendimento) e demais profissionais que lá trabalham transita entre estes dois pólos de forma espantosa, pois se vê claramente como esta diversidade cultural brasileira e empresarial do ethos nordestino possibilita lidar com o meio empresarial moderno crescente.

O trabalho do autor José Reginaldo Gonçalves vem demonstrar a rotinização e naturalização da discussão categorial de pensamento acerca de “autenticidade”, e de como esta categoria suscita uma amplitude de interpretações e alcances sócio-culturais, pois em função desta socialização da classificação “autenticidade”, uma discussão se torna sintomática entre os meios ideólogos intelectuais à não problematização da mesma.

Em estudo elaborado por Lionel Trilling, o mesmo problematiza e dualiza a questão, promovendo uma discussão categorial sobre “sinceridade” e “autenticidade”, em um viés histórico sócio-cultural de visão de mundo moderna ocidental.

Em decorrência de tais questões os “papéis sociais” acabam por se tornarem problemáticos em uma sociedade dita “simples”, onde as relações sociais, os laços sociais e afetivos na relação com o “outro” se tornam mais profundos, donde decorre a antagonia com o conceito de “insinceridade”.

Totalmente distinto deste tempo, onde as relações sociais são mais intensas, vê-se surgir e se valorizar o conceito de “autenticidade” que está relacionado a um “self” que se baseia num tempo lógico, individualista e racional, onde o individuo é visto no lócus de significados e o conceito de “autenticidade” se expressa em uma unidade livre e autônoma, na qual o individuo faz parte do todo cósmico ou social, como uma unidade orgânica.

Pode-se fazer uma analogia com E. Durkheim sobre solidariedade mecânica e orgânica e as transformações das relações e laços sociais a partir da Revolução Industrial. Assim como Weber, em “A ética protestante e o espírito do capitalismo”, onde as relações sociais se transformam em consequência de um sistema social emergente.

No que se refere às obras de arte, tais discussões também são levadas bastante a sério, onde “autenticidade” está relacionada a algo “original” singular e permanente, e “inautêntico” à “cópia” ou “reprodução”.

Conforme Benjamin (citado por José Reginaldo Gonçalves), o conceito de “autenticidade” estaria diretamente ligado a uma questão temporal, pois o que seria considerado autêntico nos tempos atuais, em sua origem não teria esta conotação. Isso porque a mecanização tira a “aura” do objeto que está diretamente conceituada na originalidade e unicidade, ou seja, envolvido com o passado. Assim, os objetos reproduzidos seriam desprovidos desta aura, já que a mesma seria a ligação com a “originalidade” e seu caráter “único”. Ou seja, com o surgimento da reprodução, fruto da mecanização, a oposição entre “autêntico” e “inautêntico” perde a relevância.

Tal discussão para Benjamin é de suma relevância, pois é o que vai contribuir no que tange a contextualização dos “patrimônios culturais” e seus “bens culturais”, que perderiam sua “aura” por conta da reprodutibilidade técnica, desembocando em uma forma “não-aurática” de “autenticidade”.

Destaca ainda José R. S. Gonçalves que o conceito de patrimônio cultural, segundo os ideólogos da “nacionalidade” ou “etnicidade”, está vinculado diretamente a uma relação com a construção do indivíduo na concepção do moderno individualismo, sendo, portanto, necessária a criação de “políticas culturais” que em seu interior abarquem a “políticas de patrimônio”, de forma a propiciarem projetos de construção da “identidade” “nacional” ou “étnica”.

Para aquele autor o “patrimônio cultural” teria uma relação intrínseca e representativa com este “individualismo possessivo”, ao utilizar-se de objetos, móveis e imóveis, que refleta uma soma de identidades culturais e étnicas, e de categorias culturais compactadas ao serem expostos em museus e instituições culturais.

No caso específico da Feira de São Cristóvão, vê-se esse paradoxo se apresentar a olhos vistos, pois estão refletidos nas expressões culturais do povo, “performers”, e no comércio local a necessidade de afirmar e reafirmar uma identidade nacional e seus patrimônios, mas que, a todo tempo se defronta com uma política e espírito individualista da sociedade moderna contemporânea liberal, ao se verem compelidos a adotarem práticas de um

mercado racional e lógico próprio da sociedade liberal, concomitantemente com a de um passado mítico.

Os monumentos ou relíquias teriam papel de relevância ao representarem, reflexivamente, uma identidade de nação, já que intermediariam temporalmente a história da mesma, através de seus patrimônios. A idéia de um “passado” ou memória vão se caracterizar enquanto uma invenção moderna na construção das identidades pessoais e coletivas e que é datada (fins séc. XVIII). Hobsbawn chama a atenção para este fato denominando-o de “tradições inventadas”, que se iniciariam na segunda metade do séc. XIX e primeiras décadas do séc. XX.

A Feira teria este papel simbolicamente construído no imaginário coletivo do público que a busca, pois seria à volta a um passado e a uma identidade étnica resgatada, preservada e ressignificada em contexto urbano.

Pode-se fazer esta correlação identitária de formas diversas, seja a partir da identificação de uma igreja barroca em Minas Gerais ou até mesmo de um terreiro de candomblé na Bahia que, conseqüentemente, revela um sentimento de pertença e “autenticidade” construída pela memória coletiva e individual derivada de seus sistemas de códigos significacionais e seus monumentos inerentes a este ou aquele grupo cultural.

A feira de São Cristóvão se caracteriza por sua diversidade enquanto um espaço hiper-híbrido ao abarcar em seu interior várias expressões e tendências, sejam elas culturais, de gênero, do campo político, econômico ou simples lazer da cidade.

2 - Objetivo

A pesquisa analisa historicamente como os primeiros nordestinos criaram toda uma teia de relações sociais que culminou em uma rede sócio-dialógica que possibilitou, e possibilita, o surgimento de mecanismos para preservação de seus laços culturais e identitários, bem como demonstra como imigrantes nordestinos se ressignificaram contextualmente na urbanidade da cidade do Rio de Janeiro, vindo até a relativizar papéis sociais de gênero.

A feira de São Cristóvão é a expressão materializada de como toda uma corporalidade se utiliza de signos e códigos para manifestar uma certa identidade nordestina que se apresenta efusivamente em seu vigor na feira, seja pela dança, pelos gestos e expressões faciais ou corporais. Nota-se que a linguagem dos signos muitas vezes não consegue dar conta da monta de códigos que a partir das inter-relações entre os sujeitos se fazem apresentar a olhos vistos.

De acordo com a tese de Le Breton [8] não é possível suprimir a linguagem corporal do contexto lingüístico mais abrangente, pois a sociedade na qual o indivíduo está inserido, com seus valores culturais já enraizados, influencia toda a sua forma de expressão, mesmo que se considere seu temperamento e sua história pessoal.

A linguagem corporal transcende à vontade; se apresenta de forma a otimizar o conteúdo verbal, fazendo com que o indivíduo utilize o corpo e a linguagem oral paralelamente, independente de sua vontade. A linguagem corporal atua como ponto de ligação do indivíduo com o inconsciente, e ainda que ele pretenda controlar sua expressão verbal o corpo denuncia suas afetações internas.

Conclui-se que as expressões corporal e verbal não podem ser descontextualizadas da situação em que emergem ou, ainda como afirma Le Breton [8], “Só a situação enuncia o significado do ato”.

As posições de gênero se apresentam na feira com a mulher buscando no espaço brega muito mais do que simples lazer. O mesmo espaço brega que a coloca em um lugar protagônico, visto que dentro do contexto cultural nordestino o gênero predominante é o masculino (fruto do patriarcado colonial), no qual resta à mulher um papel secundário [9], acaba por ser relativizado no centro da cultura nordestina da feira de São Cristóvão.

Nas expressões daquele espaço misto é possível vislumbrar que muitas mulheres utilizam o local não só para diversão, mas também como espaço de afirmação relativa das funções do gênero feminino, já que vão em busca de parceiros, se colocando de forma ativa na abordagem sobre os homens - “o caçador vira caça”.

3 - Metodologia

A presente pesquisa pretende desenvolver tal análise utilizando conceitos-chaves sobre a ação do campo antropológico (observação participante), já abordados por Howard Becker [3], travando uma intensa gama de entrevistas com os indivíduos que circulam pela feira, nordestinos ou não; frequentadores ou proprietários de barracas, artistas, ambulantes etc.

As idas ao campo em momentos variados, munido de máquina fotográfica, gravador, caderno de campo e o olhar de pesquisador, foi o que possibilitou perceber as diversas facetas deste campo tão “sui generis” da feira, bem como seus sistemas e códigos significacionais, pois o mesmo campo, a cada ida, se apresentava com uma máscara nova aos olhos do pesquisador.

É possível pensar em Malinowski [4] e sua figura no campo das ilhas na Melanésia e o ritual do Kula. Ver a relativização do conceito de papéis dados de gênero, quando a análise gira em torno de uma ótica da feira, e sua população “originária”. Tal interação é o que permite observar este “fazer” cultural do nordestino ressignificado nesta mescla inter-relacional de culturas. Observar a feira enquanto um espaço de inclusão social, de gênero e raça, transindo por diversas esferas da sociedade, relativizando os papéis sociais e suas representações.

Conforme o texto de José Reginaldo Gonçalves, não há como não fazer uma comparação com a cidade de Colonial Williamsburg nos Estados Unidos da América, onde há a preocupação em se manter fiel à preservação de uma identidade nacional e patriótica, relacionando o passado e a memória de forma bastante firme nos diversos aspectos, através da arquitetura e costumes. Portanto, fica difícil conceituar tal projeto na linha do “autêntico” relacionando-o ao “aurático” que remeteria ao “original”, ou “inautêntico” em virtude da reprodutibilidade técnica mecânica que utiliza-se de mecanismos para reproduzir tal época. Conseqüentemente, para aqueles que a idealizaram, o projeto de Colonial Williamsburg teria tal função.

No que se refere à cidade de Ouro Preto em Minas Gerais, a linha de pensamento remete a uma identificação com este tipo de resgate colonial Williamsburg idealizado no Brasil, um Brasil de um “passado” brasileiro patrimonial. Referência a uma identidade nacional muito incentivada por intelectuais modernistas.

O autor expõe a questão de forma bastante clara sobre “autentico” e “inautêntico”, propiciando a nós uma reflexão acerca das referidas categorias, no que se refere às duas cidades, Colonial Williamsburg e Ouro Preto sobre “aurático” e “não-aurático”.

O autor não está preocupado com a postulação às referidas classificações, ou como as mesmas serão interpretadas, pois segundo ele, pode haver ambas as interpretações e leituras, dependendo da descrição de quem as expõe, pois são construções ficcionais.

Segundo o autor, pensar as cidades por estas categorias de “autenticidade” é o que possibilita repensar e refletir acerca de nossas certezas e crenças, pois para ele teria um caráter “não-aurático”, já que sua função seria a de reproduzir tecnicamente os “patrimônios culturais” e este “passado”.

Com base nesse entendimento o novo espaço da barraca se apresenta como que rendido a uma pressão mercadológica, fruto da nova proposta visual estética ao

qual a Feira de São Cristóvão está se configurando, com melhor circulação de ar, tornando o ambiente mais agradável em comparação com o anterior.

O apresentador Nonato Vieira se encarrega em apresentar os presentes pelo microfone, dando notoriedade a eles, e ao mesmo tempo dando um ar de status ao espaço ao qual ele anima, investindo na imagem e em certa intimidade com a clientela notória.

A barraca tem um jeito próprio que foge aos padrões de um espaço artístico convencional postulado. Há um quê de ópera bufa, brinca-se com os postulados sobre o que seria uma arte erudita e uma arte espúria. A performance dos artistas seria o ápice daquele cenário, que vai compor todo um estilo brega com seus figurinos e adereços.

Vale ressaltar o cantor Luano do Recife que representa um misto de sex simbol decadente, com suas roupas justas e brilhosas detalhando as partes genitais.

Percebe-se que existe um ethos brega que perpassa por vários segmentos da Feira de São Cristóvão: seja na culinária, no estilo de vestir, na sociabilidade, na arte ou nos produtos que são comercializados. Há uma produção para esta outra margem sócio-cultural. Tudo leva a questionar se existe um conceito do que seria a “sociedade brasileira” e qual seria este. O burlesco nos permite pensar em micro-universos sociais e culturais, dentro da sociedade mais ampla.

A feira de São Cristóvão remete a um passado, quase como um paradoxo em face da complexidade da sociedade globalizada, e é exatamente esta faceta da feira que fascina com suas paisagens, e “forma de ser”, que seria a dialética da sociedade padronizada e modelar.

Nota-se que a música brega cria uma reflexividade com o público, havendo uma interação entre mensagem e receptor. Rede de significados que são interpretados por aqueles que se sentem inseridos naquele sistema significacional, onde significado e significante intercambiam e dialogam. Há um mergulho na história e o público participa da mesma, um ir e vir atemporal, onde público e artistas fazem parte da grande ópera multi-cultural.

A forma da música brega se expressar nas letras e no jeito dos artistas comentarem fatos sociais chama muita atenção. Há um apelo ao drama, à dor e ao sofrimento, assim como ao amor e à paixão, recheados com certa dose de ironia e preconceitos à figura feminina. Em destaque, a princípio, o cantor Luano do Recife e seus comentários durante seu show na Barraca do Aconchego: “As pessoas falam mal do brega, mas o brega só fala coisas boas”. “Brega fala de amor e paixão”; “Nunca cheire cocaína, cheire a calcinha da véia amada

que é muito melhor”; “A vida do cantor brega é dura, comprem meu CD, pois tenho cinco netos, dois filhos e uma véia pra comer”.

No dia em que estas frases foram colhidas o público presente era totalmente heterodoxo, vários estilos presentes. Mulheres, crianças, pessoas de diferentes faixas etárias, famílias, casais e amigos comemorando alguma coisa, ou somente um momento de lazer no final de semana propiciado por aquele espaço *sui generis* (Feira de São Cristóvão), que a feira promove.

O brega agrega as pessoas que não estão inseridas no pseudo padrão estético rotulado e estratificado da sociedade neo-liberal capitalista. O brega na Feira de São Cristóvão compõe espaços inclusivos, pois a inclusão não se dá somente pelos que estão à margem da sociedade e menos favorecidos, mas também por pessoas que pertencem a classes sociais mais favorecidas, que participam interativamente daquele universo mesclado de culturas e nuances.

Cláudia Barcellos Rezende em “Os limites da sociabilidade: cariocas e nordestinos na Feira de São Cristóvão”, entende que a noção de sociabilidade diz respeito a “situações lúdicas em que há conagração e confraternização entre as pessoas”, o que lembra uma espécie de catarse religiosa que, de acordo com a visão durkheimiana, reforçaria certos valores e identidades, como as de gênero ou de grupo social, construindo e reafirmando estes lugares como autênticos para os integrantes daquela realidade.

Destaca a autora que Simmel já assinala que as relações sociais dependeriam de um caráter menos subjetivo e mais formal entre as pessoas, em que os códigos de comportamento de cada grupo devem ser respeitados. Para isto deveria haver um pareamento de classes, ou seja, os indivíduos ao se relacionarem devem fazer parte de um mesmo grupo ou conhecer seus códigos.

Neste sentido a sociabilidade é algo anterior aos conteúdos subjetivos. É mais uma prática que estabelece lugares sociais pré-estabelecidos, pois a inserção em determinado contexto social é definida pela pertença do indivíduo àquele meio.

Com esta leitura percebe-se também que alguns padrões se estabelecerão para diferenciar os grupos de pertencimento, tais como idade, religião, regionalidade ou classe social. Porém isso não exclui a possibilidade de existência de conflitos, mesmo em um mesmo grupo de pertencimento.

A autora pretende explorar a sociabilidade não somente como prática de confraternização, mas também como prática que constitui uma subjetividade a partir da

negação do outro, ou seja, a identidade se constrói a partir da pertença em grupo, assim como da afirmação em si mesmo em relação à diferença do outro.

Um ponto importante a se destacar é que este processo está sempre inserido em um contexto de relações hierárquicas e de poder, pois após diversas idas ao campo foi possível perceber que as relações de poder se desenrolam de forma obnubilada, já que algumas pessoas entrevistadas não colocam publicamente suas opiniões claramente sobre os mecanismos de pressões e controle por parte dos empresários de barracas, assim como o próprio mercado que pressiona uma atitude tal que acaba se rendendo a uma prática desenfreada do lucro mercadológico, sem se importar com alguns aspectos culturais da cultura nordestina ou com o público menos favorecido financeiramente, conforme entrevistas abaixo:

Pesquisador

- Qual o seu nome?

R. - Francisco Ferreira de Paula, sou cearense e estou no Rio de Janeiro desde 64.

Pesquisador

- O senhor frequenta a Feira de São Cristóvão desde que era lá fora?

Francisco

- Desde quando era lá fora, sempre frequentei ela aqui.

Pesquisador

- A feira quando era lá fora, antes de ter passado aqui para o Pavilhão era melhor?

Francisco

- Mil vezes melhor,

Pesquisador

- Por que você acha que era melhor?

Francisco

- Por que lá era o seguinte, a gente não pagava tanta coisa quanto paga aqui. Aqui o custo é muito caro, tudo é muito caro, entendeu? Aqui ficou mais difícil. O público demora de vir mais. Essa história de cobrar ingresso, negócio de entrada para cuidar dos banheiros que tem que pagar. Agora tiraram, botaram pra portaria. Né todo mundo que tem um real pra vir à feira né. Se vai incluir passagem ida e volta, mais um real de entrada e comer alguma coisa, né todo mundo que tem estas condições.

Pesquisador

- O acesso ao lazer da feira quando ocorria na parte externa era mais fácil?

Francisco

- O lazer quando era lá fora era mais divertido, era mais à vontade, entendeu?

- Agora veio aqui pra dentro ficou mais difícil para todo mundo. Não é mais do nordestino, virou um shopping aqui dentro. As coisas encareceram muito, tudo ficou mais difícil entendeu? Nós está passando uma dificuldade muito forte aqui dentro.

Pesquisador

- Nesta barraca do Nonato houve diminuição na frequência?

Francisco

- Acabou diminuindo um pouquinho a frequência entendeu? Né todo mundo que vem como antigamente. Geralmente todo mundo fala que lá fora era melhor né.

- Eu mesmo digo. Hoje sou proprietário aqui e sei que lá fora quando eu era cliente pra mim era melhor. Eu freqüentei todas as fases da feira.

Pesquisador

- Havia uma predominância do público nordestino?

Francisco

- Havia! Eles tinham mais prazer em vir. Eles agora estão mais afastados por que as coisas estão muito caras, encareceu tudo. Aqui eu pago um absurdo de condomínio. Trabalho doze dias para pagar um mil e pouco de condomínio aqui, ver aí fora mais os restos das coisas, pagar funcionários, sai tudo muito caro. Estou num prejuízo aqui de uns vinte e oito mil.

Maria:

- Tenho 60 anos

Pesquisador

- Você acha que o espaço da feira melhorou ao passar para dentro?

Maria:

- Muito! É muito raiz. Tudo que vem daqui a gente gosta né. Muito raiz mesmo, a gente gosta, e uma coisa muito boa.

Pesquisador

- A transferência da feira aqui pra dentro foi uma boa coisa?

Maria

- Posso deixar em suspenso a minha resposta, posso? Então é melhor eu ficar calada.

Pesquisador

- As pessoas continuam felizes por estarem neste espaço?

Maria

- Vou deixar outro suspenso.

Pesquisador

- Mas é legal este espaço de convivência e sociabilidade?

Maria

- É sim! É legal sim, agente é bem tratada - tirando o que eu deixei em suspenso eu não tenho do que reclamar. Sabe, isto aqui é muito acolhedor.

Pesquisador

- Há quanto tempo você frequenta a feira?

Maria

- Eu não frequento há muito tempo sabe por quê? Sempre fui Amélia, dona de casa. De 8 anos pra cá que eu passei a frequentar.

Pesquisador

- Então este espaço acolhe as pessoas?

Maria

- É um lazer muito importante que não pode acabar. Não pode. É uma coisa muito boa sim.

Pesquisador

- Você se sente realizada neste espaço?

Maria

- Muito! Muito mesmo, e uma coisa boa na gente se descontraí. Ainda mais que eu já estou nesta idade, eu trabalho. A semana é pra correr, e o domingo é pra quê? Pra se divertir né, é ótimo. Sou mineira, moro aqui a mais de 40 anos.

Pesquisador

- O espaço da feira lhe faz lembrar o seu lugar de origem?

Maria

- Saudade também. Muito, por que eu cresci assim. Meu pai era sanfoneiro. Eu comecei a aprender, eu e uma outra irmã acima de mim. Eu era violeira na igreja, depois deixei tudo, tocava violão na igreja católica. A minha irmã e dois sobrinhos netos são guitarristas na igreja evangélica, então agente vem disso né. Eu gosto, não nego a raça né?

A feira de São Cristóvão não é só apropriada por seus frequentadores enquanto um espaço de sociabilidade e acolhimento, mas também um espaço de resgate de uma “identidade”, seja por gênero, cultura e política, pois aquele espaço é tido como uma válvula de escape de segmento social da população, pois não só diverte ou propicia lazer, mas também remete a um lugar mítico, de um nordeste familiar e saudoso.

Para algumas pessoas fazer parte daquele universo simbólico que a feira oferece é voltar a alguma origem que apazigua seus anseios sociais, culturais, sexuais e econômicos, em um território ressignificado pela urbanidade.

A oportunidade de colher dados dos entrevistados em momentos de desabafos sobre a feira, que teria uma relação de pertencimento para aqueles sujeitos, permitiu notar um certo saudosismo por parte de alguns em relação ao tempo em que a feira acontecia na parte externa do Pavilhão de São Cristóvão. Para outros a transformação do espaço exterior e a localização da feira dentro do Pavilhão é vista como algo bastante positivo, permitindo-os

até a enumerar as diversas vantagens da nova localização da feira, conforme a entrevista que se segue:

Pesquisador

- Qual é o seu nome?

R. - Moisés é o meu nome, sou de Feira de Santana, Bahia.

Pesquisador

- Há quantos anos frequenta esta feira?

Moisés

- Há mais de quarenta e tantos anos.

Pesquisador

- A feira antes da linha vermelha, e de ter passado para o Pavilhão era melhor?

Moisés

- Não, eu não acho não. Melhor tá agora irmão. Agora é que tá melhor. Tá de frente pros turistas, as pessoas de poder, de poder aquisitivo maior.

Pesquisador

- Antes havia maior dificuldade para o comércio?

Moisés

- Era, pois era uma lixeira danada, não tinha uma organização. Não tinha nada.

- Eu estou aqui na feira por que eu não tinha emprego para trabalhar. A situação do povo era tão ruim naquela época que procurava um meio de arrumar algum pra comprar arroz, feijão, jabá, macaxeira.

Pesquisador

- A feira tem um caráter de sustentação familiar?

Moisés

- De fato a feira é um bem para todos. Não pode acabar a feira. A feira é um bem pro povo e pra todos daqui, pra toda a população. É uma sustentação, não pode acabar a feira. Eu estou ouvindo umas conversas por aí que eles querem acabar com a feira. Deve ser coisa de político. Capaz de ser coisa de político mesmo, negócio de “oi”(olho) grande. Por que aqui fatura um dinheiro nesta entrada aqui. Entra muita gente aqui. Domingo então, entra muito mais gente. A um real é um bocado de dinheiro.

Pesquisador

- O fato de você trabalhar na informalidade aqui na feira, só acontece por ser neste espaço?

Moisés

- Aqui a gente trabalha a vontade. É da prefeitura, e se é da prefeitura é nosso, pois nós pagamos nossos impostos. Não tenho problema nenhum com SPC; não tenho problema nenhum com justiça.

- Se eu tiver de falar eu falo mesmo, não tenho medo de ir preso não.

4 - Conclusão

A pesquisa toma uma relevância maior quando se percebe que a migração de nordestinos para a cidade do Rio de Janeiro, e especificamente suas relações sociais passam a ser construídas e recriadas em relação com a cultura local urbana. Com isso passam não somente por uma transformação da cultura que recebe estes novos sujeitos, mas também daquela que chega no novo universo, com seus códigos sociais e simbólicos.

A interação se torna pluri-cultural, propiciando o que se pode denominar de uma troca de informações entre povos que não serão mais os mesmos após tal contato tão íntimo.

Os diversos aspectos do novo grupo social, no qual se pode englobar a cultura enquanto um de seus principais mecanismos, colaboram para as variadas expressões, que possibilitará o surgimento de um imenso painel de ressignificações culturais em decorrência do intercâmbio cultural derivado do fluxo migracional.

A diversidade de opiniões sobre a feira de São Cristóvão é o que a torna um grande desafio aos postulados acerca de verdades absolutas, já que a feira seria uma representante do conceito sobre o dinamismo cultural e a multi-culturalidade. Algo que não é extático e imutável, muito ao contrário, pois se trata de um espaço que presenteia a todos que passam por ela com mesclas da pujança da cultura, e especificamente da cultura nordestina em contexto de sociabilidade territorial urbana na cidade do Rio de Janeiro.

5 - Referência bibliográfica

- 1 – BOAS, F. Antropologia Cultural / Franz Boas; textos selecionados, apresentação e tradução, Celso Castro. – 2. ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- 2 – GIDDENS, Anthony – Foucault e a sexualidade. In: A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas / . 2. ed. – São Paulo: Ed. Unesp, c1994. 228p.
- 3 – BECKER, Howard S. – Segredos e truques da pesquisa / Howard S. Becker; tradução, Maria Luiza X. de A. Borges; revisão técnica, Karina Kuschnir. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
- 4 – MALINOWSKY, Bronislaw. Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. 3 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- 5 – BOURDIEU, P. A economia das trocas simbólicas / Pierre Bourdieu; introdução, organização e seleção Sergio Miceli.- São Paulo: Perspectiva, 2007.

6 – GONÇALVES, Reginaldo S. Autenticidade, memória e ideologias nacionais: o problema dos patrimônios culturais.

7 – REZENDE, Claudia. “Cariocas” e “nordestinos” na Feira de São Cristóvão.

8 – LE BRETON, David. “As paixões ordinárias - Antropologia das emoções”.

9 – CHARTIER, Roger. Diferença entre os sexos e dominação simbólica in *Cadernos Pagu*. 1995. 37 p.